



Tenebrosa tempestade: sobre os fascismos no tempo presente

Priscila Antônia dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-8863-5718>

Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq).

<http://lattes.cnpq.br/0134026830735338>.

priscila@getempo.org.

Passageiros da Tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente é um e-book lançado em 2022 pela CEPE editora. Os autores são os historiadores Francisco Carlos Teixeira da Silva, professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Karl Schurster, professor da Universidade de Pernambuco.

O livro está organizado em onze capítulos somados a introdução e conclusão. Os autores apresentam um estudo do fascismo enquanto fenômeno histórico não encerrado no passado. A partir da perspectiva da História do Tempo Presente – HTP, o fascismo é compreendido na longa duração, revelando uma dimensão estrutural que atravessa o tempo e as sociedades. Através de uma abordagem interdisciplinar, que une HTP à psicanálise, os autores explicam o retorno do fascismo no tempo presente.

No capítulo inicial, *Os que chegam com a tempestade*, é realizada uma contextualização da ascensão do fascismo italiano em 1922 e do nazismo em 1933. Ambos foram forjados num contexto de crise que se intensificou após a Primeira Guerra (1914-1918). O fascismo ganhou força manipulando o sentimento de injustiça provocado pelo fim da guerra, ao passo que se nutria um nacionalismo em que o Outro passou a ser visto como inimigo.

Para Schurster e Teixeira, o nazismo e o fascismo italiano são compreendidos como traumas coletivos. A “cura” para a fonte de dor está no esquecimento e na negação, o fascismo é, desse modo, recalcado pela sociedade que o considera uma história indesejável. Entretanto, o ato de recalcar torna a dor ainda mais viva, pois obriga a sua constante reelaboração no esquecimento. E enquanto trauma reprimido está fadado a retornar na forma de sintomas. O retorno dos fascismos no tempo presente seria o sintoma de um passado mal curado.

O capítulo dois, *Sobre nomes, conceitos e tempos*, tratou sobre a dificuldade atual em reconhecer regimes fascistas como tais, são diversos termos como: “ultradireita” “extrema-direita”, “ultranacionalismo”. Há um malabarismo linguístico e conceitual para não nomear o que os autores chamam de “mal-dito”, esse seria o próprio fascismo que está em constante negação. Desse modo, se propõem um constructo genérico que permite observar e comparar um conjunto de características e comportamentos comuns às experiências fascistas em temporalidades e sociedades diferentes. Schurster e Teixeira definem os regimes fascistas, entre 1920 e 1945, como fascismos históricos. Já os fascismos contemporâneos se referem aos grupos fascistas que surgem na Europa no final dos anos 1980.



No capítulo três, *Quando eles falam: o socioleto fascista*, os autores apresentam a linguagem como característica comum aos fascismos. A novilíngua fascista tem a função de preparar o caminho para ação definitiva, o brutal é primeiro normalizado na palavra até se chegar ao ato. O socioleto fascista se constitui como um idioma não dialógico e não dialético, nele tudo é vociferado ao público sem carecer de explicação ou questionamentos. Há uma necessidade de manter os ouvintes sob uma constante ameaça cultural que destruirá os valores morais do homem/branco/hétero, com o objetivo de provocar uma neurose coletiva. Nos fascismos históricos e contemporâneos a democracia é alvo constante de ataques, se produz um discurso da democracia como um sistema falho que permite as diferenças, o autoritarismo surge então como saída possível para uniformização.

O capítulo quatro, *Sentimentos ocultos, ressentimentos*, os autores explicam a relação da economia com os fascismos contemporâneos. Após o fim da Guerra Fria (1947-1991), se assistiu ao triunfo do capitalismo e o surgimento de uma economia modernizada que exige a destruição dos direitos sociais em nome do capital. O capítulo cinco, *O gozo estranhado: espaço torturado e culto da morte*, apresenta o fascínio que os discursos fascistas carregam sobre a tortura, vista como meio eficiente de se manter o controle, a força se torna a mediação do fascismo.

Em seguida, o capítulo seis, *Paranoia e anti-intelectualismo como estilo do agir político: fascistizando a política*, aborda o processo de fascistização do Estado, a novilíngua fascista é fluída e absorvida em diferentes escalas pelas instituições sociais contemporâneas. O irracionalismo e anti-intelectualismo são utilizados como armas políticas para manipular a opinião pública.

O capítulo sete, *Desolados, furiosos, fascistas: quem são eles*, apontou para o papel da elite na sociedade liberal de seduzir e mobilizar as massas frente a um *inimigo objetivo* criado pelo socioleto fascista. A propaganda se transforma em chave de convencimento para o público. Nesse sentido, o capítulo oito, *Fascistas: a palavra engasgada*, explica como os estados ditatoriais chegam a um nível de burocratização em que a adesão do homem comum ocorre através do apoio às instituições sociais fascistizadas.

No capítulo nove, *Identidades e crises: os fundamentos comuns dos fascismos e dos fundamentalismos*, a característica comum aos fascismos vê o Outro como uma fonte permanente de violência, sendo necessário buscar as origens da intolerância na psicologia dos algozes e não nas vítimas. Já o capítulo dez, *Regressão e individuação: gerando a intolerância*, explica a escolha do Outro para o odiar. Essa atitude reside no que Theodor Adorno definiu como *frieza*, o indivíduo



projeta no diferente a fonte dos seus males, nessa ilusão conspiratória, a libertação só é possível com a morte do sujeito diferente.

O capítulo onze, *O retorno (necessário) a um debate sobre os fascismos*, se refere à utilidade da História do Tempo Presente para o estudo dos fascismos. Sendo uma metodologia que permite observar a interação passado/presente, se encontra de tal maneira imbricada que eventos como: a Marcha das Tochas, em 2015, nos EUA, aponta para experiências históricas fascistas anteriores, como a Marcha sobre Roma de 1922 na ascensão do fascismo italiano. No caso dos fascismos, a HTP está diante de traumas coletivos que foram recalçados e deslocados para um ponto fora da curva da história. Nesse sentido, a HTP permite realocá-los à história e compará-los com outras experiências.

Passageiros da tempestade é uma obra atual que versa sobre um tema urgente do ponto de vista social. Para os historiadores, principalmente, o livro apresenta uma rica pesquisa sobre os fascismos no tempo presente, com um movimento que vai do presente ao passado e vice-versa. Através da investigação e com amplo suporte de fontes como discursos, propagandas, filmes, dados estatísticos, e entre outros, Schuster e Teixeira elaboraram um quadro em que é possível observar os pontos de intersecção dos fascismos históricos e contemporâneos.

Referência bibliográfica

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl. **Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente**. Cepe editora. Edição do Kindle, 2022.

Artigo submetido em 21/05/2022, aceito em 05/06/2022 e publicado em 10/06/2022.

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.28, n.01, e7968, Jan./Jul. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v28i01.7968>

<https://revista.ufrr.br/textosedebates/>

ISSN: 2317-1448



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).